ISSN 1983-9979
prolíngua

TRADUÇÕES DA LÍNGUA MEBÊNGÔKRE XIKRIN: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES INDÍGENAS NO ENSINO SUPERIOR NA UFPA-CAMPUS DE ALTAMIRA

MĒBÊNGÔKRE BÊ PI'ÔK NO'ÔK DJWYI KUTE PI'ÔK MARIDJÀ RAI KAM, MYJA MARIOTĒP NA UFPA-CAMPUS DE ALTAMIRA

TRANSLATIONS OF THE MEBÊNGÔKRE XIKRIN LANGUAGE: EXPERIENCES OF INDIGENOUS STUDENTS IN HIGHER EDUCATION AT UFPA-ALTAMIRA CAMPUS*

Bep Kretoj Xikrin[1]
Vilma Aparecida de Pinho[2]

RESUMO: A pesquisa narrativa (auto)biográfica analisa as experiências de estudantes indígenas no Ensino Superior (UFPA - Campus de Altamira), com tradução para a língua Mebêngôkre Xikrin. Os objetivos são o de compreender o acesso, a permanência, o preconceito, a identidade cultural e a valorização dos saberes tradicionais dos estudantes indígenas, assim como o de traduzir para a língua do povo Xikrin. Bep Kretoj Xikrin, o estudante do curso de Pedagogia, entrevistou seus parentes na universidade e fez a tradução dos dados para a língua Mebêngôkre Xikrin. No artigo, apresentaremos as narrativas de quatro estudantes: Simeone Xipaia, da etnia Xipaia, estudante do curso de Engenharia Florestal; Aldemir Wai Wai, do povo Wai Wai do estado de Roraima, estudante de Engenharia Agronômica; Bep Kretoj Xikrin, da etnia Xikrin, estudante do curso de Pedagogia; Janilson Sateré-Mawé, da etnia Sateré-Mawé, do estado do Amazonas, ele é estudante do curso de medicina. Todos os sujeitos culturais colaboradores da pesquisa, são estudantes da Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira. Os resultados indicam que as pesquisas realizadas pelos próprios estudantes indígenas criam dispositivos de identidades e continuidades de suas línguas e culturas na sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Mebêngôkre Xikrin. Estudantes indígenas. Experiências. Ensino Superior.

ABSTRACT: This narrative (auto)biographical research analyzes the experiences of Indigenous students in Higher Education (UFPA - Altamira Campus), with translation into the Mebêngôkre Xikrin language. The objectives are to understand access, permanence, prejudice, cultural identity, and the appreciation of traditional knowledge among Indigenous students, as well as to translate the data into the language of the Xikrin people. Bep Kretoj Xikrin, a student in the Pedagogy course, interviewed his relatives at the university and translated the data into the Mebêngôkre Xikrin language. In this article, we will present the narratives of four students: Simeone Xipaia, from the Xipaia ethnic group, a student in the Forestry Engineering course; Aldemir Wai Wai, from the Wai Wai people of the state of Roraima, a student in Agronomic Engineering; Bep Kretoj Xikrin, from the Xikrin ethnic group, a student in the Pedagogy course; Janilson Sateré-Mawé, from the Sateré-Mawé ethnic group in the state of Amazonas, is a medical student. All the cultural subjects collaborating in the research are students at the Federal University of Pará, Altamira Campus. The results indicate that research conducted by the indigenous students themselves creates devices for identity and continuity of their languages and cultures in

* Data de Submissão: 18.07.2026 – Data de Aceite: 25.09.2026 | DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2026v21n1.78956

[1] Discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará-UFPA, Campus de Altamira. Bolsista PIBIC/PROPESP-AF. Integrante do grupo de Pesquisa Afro-brasileiros e Indígenas/GEABI. ORCID: https://orcid.org/0009-0000-9578-9582. E-mail: bepkretojxikrin@gmail.com

[2] Doutora em Educação/2010-PPGE/UFF. Docente da Faculdade de Educação/FAE-UFPA e Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação e Culturas Inclusivas – PPGECI. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2544-0841: E-mail: vilmapinho@ufpa.br

Brazilian society.

KEYWORDS: Mebêngôkre Xikrin language. Indigenous students. Experiences. Higher Education.

Pi'ôk ã ujarei: Ne kam kadjwynhbê ã ujarē (rax) ujarē õdjwynh omū kam ne mēbēngôkre bê pi'ôk no'ôk djwynh kute pi'ôk no'ôk maridjà rai kam, myjja mariotēp (UFPA - campus de Altamira), kam mebēngôkre Xikrin kabēn kôt nhipêj ã ujarē. Ã ujarē õdjwynh kam ne kute prine õ kukràdjà marimã, narà ãnodjà, me abēnjapráoba djwynh, õ kukràdjà kuni mari mej ne kubê piôno'ôk djwynh mebēngôkre kôt amijã ujarē mejkumrē nará õ kukràdjà. Ne kam mebê mebēngôkre Xikrin kabēn kôt pi'ôk nhipêj ã ujarē. Bep Kretoj Xikrin, kubê pi'ôk no'ôk djwynh õ pi'ôk nhidjibê ne Pedagogia, kam õ bikwa kukija ne ã ujarē Universidade krekam ne kabēn kôt nhipêj kukràdjà kuni kabēn kôt nhipêj mebēngôkre Xikrin kabēn kôt. Kam artigo, mebê pi'ôk no'ôk djwynh ã ujarē kuni ne pi'ôk jakam nõ nará ujarē õdjwynh: Simeone Xipaia, kubê ne Xipaia, kubê piôno'ôk djwynh õ pi'ôk nhidjibê Engenharia Florestal; Aldemir Wai Wai, kubê Wai Wai õ pykanhidjibê Roraima, kubê pi'ôk no'ôk djwynh õ pi'ôk nhidjibê Engenharia Agronômica; Bep Kretoj Xikrin, kubê Xikrin, kubê piôno'ôk djwynh õ pi'ôk nhidjibê Pedagogia; Janilson Sateré-Mawé, kubê Sateré-Mawé õ pykanhidjibê Amazonas, kubê pi'ôk no'ôk djwynh õ pi'ôk nhidjibê Medicina. Me kuni ã ujarē kukràdjà já ne ujarē õdjwynh kam kuni nõ, mebê piôno'ôk djwynh ne Universidade Federal do Pará, campus de Altamira. Ne kam kadjwynhbê ã ujarē õdjwynh kam ne mēbēngôkre tá kute myjja mariotēp ne amijã ujarē mejkumrē kôt pi'ôk nhipêj nará kubêngôkre kôt ne amu ami kabēn õ bik'noro kêt kadjy ne õ kukràdjà mari tyx mã me ipôkri brasileira.

KABĒN - BIKDJURU: Kabēn mebēngôkre Xikrin. Pi'ôk no'ôk djwynh kubêngôkre. Paridjà; Myjja mariotēp.

1 Introdução

A primeira pessoa deste artigo é Bep Kretoj Xikrin, estudante do curso de Pedagogia no Campus Universitário de Altamira – UFPA. A segunda pessoa são os parentes indígenas[3], sujeitos culturais, que colaboram com suas experiências no Ensino Superior, em especial, o acesso e os desafios da permanência. Por outro lado, foi objetivo da pesquisa fazer a tradução dessas narrativas para a língua Mebêngôkre Xikrin.

Bep Kretoj Xikrin, estudante-pesquisador na universidade, fez as entrevistas e as traduções para a língua Mebêngôkre Xikrin. Então, primeiro os entrevistados falaram em português, depois, Bep Kretoj Xikrin fez a tradução para a sua língua Mebêngôkre Xikrin. As entrevistas foram feitas no mês de abril de 2026.

O trabalho de tradução da língua é um ato político de educação antirracista que busca descentralizar a cultura hegemônica eurocêntrica para a diversidade das culturas ancestrais dos diversos povos indígenas dos territórios brasileiros. Buscamos acima de tudo, romper com a educação hegemônica que é eurocêntrica e imperialista. O próprio curso de Pedagogia aqui da UFPA é muito racista ainda, pois relega a uma invisibilidade quase absoluta os saberes culturais dos povos indígenas no seu currículo e nas suas práticas pedagógicas, uma vez que as discussões ainda são muito ínfimas sobre as línguas e as culturas das diversidades de povos indígenas da região.

[3] Os estudantes aceitaram participar do estudo a partir do convite de Bep Kretoj Xikrin. Todos eles deram Consentimento Livre e Esclarecido para participar, divulgar seus nomes e grupos étnicos dos quais pertencem.

ISSN 1983-9979
prolíngua

2 Teoria do método

As experiências de estudantes indígenas no Ensino Superior, com a tradução, foram realizadas com a pesquisa narrativas (auto)biográficas. Souza e Meireles (2018) afirmam que se trata de pesquisas que olham, escutam e narram as experiências de diferentes sujeitos nos contextos sociais em que vivem. Essa pesquisa é, fundamentalmente, qualitativa, porque descreve, analisa as experiências de pessoas. Ela é política e epistemológica, porque ontologicamente valoriza as vidas humanas, e, no processo, possibilita, não apenas coletar dados, mas, criar um senso de pertencimento dessas coletividades indígenas na universidade, tanto pelo compartilhamento e trocas solidárias, como pelos enfrentamentos das adversidades com acolhimento de subjetividades que fazem as narrativas serem pontos de encontros no interior de processos de resistência e superações de barreiras simbólicas e materiais no Ensino Superior.

> O trabalho com a pesquisa (auto)biográfica tem se desenvolvido a partir desta densidade indagadora, buscando ouvir, compreender e apreender experiências de vida de uma diversidade de sujeitos implicados em contextos educacionais e sociais. Esta opção epistêmico-metodológica advém justamente da possibilidade de acessar mundos individuais e coletivos, através dos modos próprios como os sujeitos narram e dão sentido a suas experiências. Ao narrar suas histórias e tecer redes de significação de suas experiências, os narradores são capazes de produzir um "conhecimento de si" do ponto de vista ontológico e social (Souza e Meireles, 2018, p. 287).

Nesse sentido, as pesquisas narrativas-(auto)biográficas podem ser transgressoras e profundamente insurgentes, ao possibilitar que os grupos socioculturais narrem suas experiências humanas pelas quais buscam romper com modelos hegemônicos de práticas e políticas. As humanidades dos sujeitos culturais são apreciadas, evocados para uma maior compreensão de si e das instituições onde buscam a garantia de direitos à educação.

A organização das entrevistas começará sempre pela língua Mebêngôkre Xikrin do povo Xikrin, em seguida vem a narrativa na língua portuguesa do Brasil. Foram entrevistados quatro estudantes indígenas do campus de Altamira. São eles: Simeone Xipaia, da etnia Xipaia, vive na Aldeia Kujubim – no estado do Pará, ele estuda o curso de Engenharia Florestal. Aldemir Wai Wai, do povo Wai Wai. Ele vive na Jatapuzinho, no estado de Roraima. Aldemir estuda o curso de Engenharia Agronômica. E, Bep Kretoj Xikrin, da etnia Xikrin, aldeia, Kameredjãm – no estado do Pará, Kretoj estuda o curso de Pedagogia. Por último, apresentamos a entrevista de Janilson Sateré-Mawé, da etnia: Sateré-Mawé, aldeia Aninga, no estado do Amazonas, ele é estudante do curso de medicina. Todos são estudantes da Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira.

3 Bep Kretoj Xikrin na pesquisa

Bep Kretoj Xikrin vem da aldeia Kameredjãm do povo Xikrin do estado do Pará, ali como afirma Cohn (2000) as crianças se desenvolvem com suas famílias e grupos de parentes dentro da aldeia. Elas têm liberdade para passear nas casas vizinhas, brincar, conversar e interagir com outras crianças e com os adultos. As crianças têm muita vergonha de pessoas que não sejam suas interações cotidianas e muito respeito pelos mais velhos, por isto, elas ficam de cabeça baixa na frente de um adulto. As meninas podem se reunir e pintar o corpo dentro dos significados que elas absorvem pelas interações com as mulheres adultas, mas como são crianças, elas pintam de carvão, que dura pouco tempo no corpo e não de jenipapo como as mulheres adultas e mais velhas. A autora enfatiza que as crianças criam nas experiências

cotidianas, mas, com sentidos outros, pois elas, recriam e apresentam um sistema de significações que são próprias delas, diferentes das significações dos adultos. Assim, os meninos caçam pássaros e trazem para as meninas prepararem para eles, todas as crianças da aldeia, podem interagir nas atividades cotidianas, mas do seu lugar de criança que não assume responsabilidades como os adultos.

Para o povo Xikrin, o desenvolvimento das crianças depende dos aparelhos sensoriais motores, em especial, os olhos e os ouvidos, pois, para aprender, necessita ver e ouvir bem. Há também a afirmativa sobre a importância da pele no desenvolvimento das crianças, pois as crianças quanto mais nova, mais apresentam uma pele sensível, e quanto mais se desenvolve, mais a pele fica firme. Entre os Xikrin, afirma Cohn (2000), uma pele com erupções inflamadas pode ser manifestação de uma doença de órgãos internos da pessoa. Os processos de aprendizagem ocorrem pelas iniciativas individuais, mas há momentos rituais em que as aprendizagens são coletivas, nas quais as interações intergeracionais, são ricas de experiências e possibilidades para meninos e meninas aprenderem os sentidos e significações dos modos de viver do povo Xikrin.

> Cumpre demonstrar curiosidade e iniciativa (a exemplo da necessidade de pedir para que lhe seja ensinado algo), mas principalmente atenção e reflexão. Pois, como vimos, não basta ter a possibilidade de observar algo, ou ouvir algo, mas deve-se entendê-lo para que se efetive o aprendizado, e isso só é possível pela compreensão. Portanto, é esta, aliada a todos esses pressupostos, que se apresenta como o modo como os Xikrin concebem o desenvolvimento da criança em um ser social pleno. No entanto, sugeriria também que essa "plenitude" não deve ser contraposta a uma "incompletude", mas que os Xikrin concordariam, de bom grado, que as crianças se engajam legitimamente em interações sociais, e de um modo que é só seu. É assim que, olhos e ouvidos sempre atentos, vão conformando, em um processo contínuo [...]. (Cohn, 2000, p. 213).

Quando afirma saber ou ter aprendido algo, um Xikrin pode optar entre dizer "*arym ba kuma"*, o que poderíamos traduzir como "eu já ouvi", e "*arym ba omunh"* que poderia ser traduzido por "eu já vi". (Cohn, 2000). Bep Kretoj Xikrin se desenvolveu nesse contexto e ao chegar na universidade, conforme se verá nas suas narrativas, precisou se adaptar às normas da instituição. Ao começar pesquisar no projeto PIBIC, fez o fichamento do livro de Smith, Linda Tuhiwai. Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas, (2018). Em seus escritos, Bep Kretoj Xikrin, realiza uma crítica às pesquisas feitas a partir dos olhos imperiais, como "pesquisa branca, pesquisa acadêmica ou pesquisa outsider" (Smith, 2018, p. 57). Outro ponto destacado nos seus fichamentos se refere às pesquisas realizadas com e pelo povo Maori. Afirma ser uma forma de fazer pesquisa criada pelos povos indígenas Maori da Nova Zelândia, com o objetivo de respeitar e valorizar sua cultura, seus conhecimentos e suas necessidades. Antes, muitas pesquisas eram feitas por pessoas não indígenas e, elas não respeitavam a visão dos Maori. Então, eles criaram suas próprias pesquisas, que são baseadas nas suas próprias tradições. Bep Kretoj Xikrin afirma que a pesquisa é muito importante para os povos indígenas, para terem acesso, forças, valorizando os seus modos de viver. A metodologia Maori se caracteriza pela metodologia relacional e coletiva; valorização das ancestralidades e espiritualidades; promoção de troca de saberes; respeito pelas identidades culturais indígenas. Bep Kretoj Xikrin vem desenvolvendo de dentro da universidade pelas redes sociais suas manifestações identitárias a fim de se fazer conhecer a partir de seus modos de existir como povo.

ISSN 1983-9979
prolíngua

Imagem 1: Identidade Xikrin na Universidade Federal do Pará



Fonte: redes sociais de Bep Kretoj Xikrin (2026).

A imagem acima foi inserida por ele na pesquisa e em suas redes sociais publicada no mês de maio de 2026. Os adornos culturais que compõem a identidade Xikrin é fortemente marcada pelas pinturas, braceletes e cocares que representam o povo. A pintura no rosto é feita de urucum e jenipapo e significam "a força dos jovens Xikrin". É feita a mão por sua mãe, Ireproti Xikrin, que vive na TI – Trincheira Bacajá, aldeia Kameredjãm.

O nosso objetivo com as pesquisas realizadas no grupo de pesquisa Afro-brasileiros e Indígenas – GEABI/UFPA é o de acolher os estudantes indígenas, que eles possam estudar, fazer pesquisa e se desenvolverem plenamente como intelectuais e ativistas de suas culturas, tradições e que possam expressar suas línguas e diversas outras formas de identidades que compõem os seus coletivos, territórios e ancestralidades. Em nossas conversas, Bep Kretoj Xikrin se lembra dos conselhos e preocupações de seu pai e sua mãe, diziam a ele, que quando vir estudar na cidade, não é para esquecer a sua família, aldeia, povo, costumes, não era para Bep Kretoj Xikrin esquecer suas raízes. Quando começou a fazer pesquisa de campo sobre as experiências de estudantes indígenas no Ensino Superior na Universidade Federal do Pará, no campus de Altamira, orientamos a fazer as traduções de seus dados, a fim de manter e fortalecer seus laços culturais com o território e sua família.

Dados traduzidos: experiências dos estudantes indígenas no Campus de Altamira,

ISSN 1983-9979
prolíngua

Universidade Federal do Pará – UFPA

4 Narrativa de Simeone Xipaia do povo Xipaia

Bá inidji bê ne Simeone Xipaia, bá inhô curso ne Engenharia Florestal bá ibê mebêngôkre indígenas Xipaia e Curuaia. Inhô krimbê ne Aldeia Kujubim. Aminhô Amīrinrã'ã Inhõ krīnkam ibá djá. Nárà, akati õdjwy kam ne bá krīnbêba, Ne kam bá akubyr ajté krīnrax kam bôx pi'ok nipêjkadjy. (Parte 1).

Meu nome é Simeone Xipaia, faço o curso de Engenharia Florestal e pertenço aos povos indígenas Xipaia e Curuaia. Vim da Aldeia Kujubim. Mantenho contato constante com minha comunidade. Inclusive, recentemente estive na aldeia, mas precisei retornar para continuar meus estudos. (Parte 1).

Kwy kam ne kukràdjà tyx ije mēo amīnprá kadjy ne mē umar atemãkam. Gwajbabê, mebêngôkre, gwaj badjumari djá nàrá bakukrádjà até mã kam krīrax kam me'õ. Ne kam, kwykam kubēm kum mē arikrīn kêt ne kabem punu jarē, ne kam ajte kabēm õdwynh ō mengrēnh. (Parte 2).

Um dos maiores desafios foi me acostumar com pessoas que têm ideias diferentes das nossas. Nós, indígenas, temos pensamentos e costumes um pouco diferentes das pessoas da cidade. Além disso, existe o preconceito e algumas falas ofensivas, mas isso acaba afetando muito. (Parte 2).

Ne kam kukràdjà tyx punu ije kangõ kadjy kabēm õdwynh kôt .Gwaj banhõ krīn kurūn tēm badjumari djà mej kô nárà amū bajé myjj mari kadjy Gwaj banhõ mē kadjy, ajte kwykam kubēm kum mē bakīn kêt. Kwykam Gwaj badjumari punure kam baje pi'ok ã badju kangà prã. Ne kam kwykam mē ta armi kukia djã mrãmri ba arek jã ibamã. (Parte 3).

Os principais desafios enfrentados são justamente o preconceito e as agressões verbais. Nós saímos das nossas comunidades em busca de um futuro melhor para nossas famílias, mas acabamos enfrentando discriminação. Muitas vezes isso abala o psicológico e dificulta manter o foco nos estudos. A pessoa começa a se perguntar se realmente pertence àquele lugar. (Parte 3).

Kam ã ne, ije marikam mebēngôkre dja tá ami mari tyx, ne amikadjy myjja kakõn, ne arek ari bakadjy ne õn pi'ok ã ukanga kêtdjy, myjj kwy ate utīn ã katok. (Parte 4).

Mesmo assim, acredito que o indígena precisa ser forte. Precisamos lutar para garantir nosso sustento, sobreviver como cidadãos e não desistir do curso, mesmo diante das dificuldades. (Parte 4).

Idjumari djákam, me kwy krãtīn kubê mebēngôkre, á'djwy õ kukràdjà tyx kumej á'temã kam. Ije kum mē krãtīn nipôkri õ kukràdjà á'benprák, ne kam á'temã me õ kukràdjà õ djwy o bôx ne kam kwykam kubê tyx. (Parte 5).

Minha trajetória, assim como a de muitos outros indígenas, é cheia de desafios por sermos diferentes. Em uma sociedade onde a maioria das pessoas possui costumes parecidos, quando alguém diferente chega, acaba enfrentando dificuldades. (Parte 5).

Bá ije amīmarikam ne ije mekuni urák mejkumrē, mykam ije me kuni kute abēn pyrák pi'ok nipêjdwynh kam universidade mekuninhõ. Kêt ije myjja mari mej o mekuni jakrek kêt ne punu djywnh kêt. Ije myjja mari kôt ne kukràdjà mej amirīn pi'ok nipêjmã kadjy faculdade ō amirīn me mã kute kabēn ja myjjdjy ba. Djaba pi'ok ã ikatok, ije inhõ me kôt kakõn kadjy ne ije amrēk me tēm kadjy pry'ãkuta mejabatáj nyrekadjy. (Parte 6).

Mas nós, indígenas, aprendemos a lidar com essas situações. Aprendemos a conviver, a sermos fortes diante do preconceito e das dificuldades encontradas na cidade. Eu me sinto uma pessoa normal, como qualquer outro estudante da universidade pública. Não me considero

melhor nem pior do que ninguém. Sou muito grato pela oportunidade de cursar uma faculdade e por existirem pessoas que acreditam em mim. Quero me formar, ajudar minha comunidade e servir de exemplo para as futuras gerações. (Parte 6).

Me kum mebêngôkre kin kêt ja pykakuni kôt amirīprã. faculdade kambi myjja jã kute amirī kêt. Ije kum pi'ok nipêjdjá kam amirī, me árpêjdjári kam ne amirī prã kuni kôt. (Parte 7).

O preconceito está presente em todos os lugares para os povos indígenas. Não acontece apenas na faculdade, mas também nas escolas, no trabalho e em muitos outros espaços. (Parte 7).

Ne kam, ijemari kam mebêngôkre dja tyx amikadjy myjja munu katoro kêt djwyhràk ta à'mima. Gwaj banipykôt ne me banhõ kukràdjà, Gwaj babê mebêngôkre, banhõ kukràdjà jã ne Gwaj bakam nõ. (Parte 8).

Por isso, acredito que o indígena precisa ser forte e ter o psicológico preparado para enfrentar essas situações. A vida é feita de desafios e nós, por sermos indígenas, também precisamos enfrentar esses processos como qualquer outro cidadão. (Parte 8).

Inhõ kukràdjà árym ba me inhobikwa kunimã arẽ ne me katát adjwy te mari. Inhõ kukràdjà kôt ne pi'ok kumrẽ dja ba inomã kumẽ ne mebêngôkre nhõ pykakam idjápêjmã, inhõ metãri nàrá inhõbikwa kuri. (Parte 9).

Meus planos já foram conversados com meus parentes e com pessoas da comunidade. Meu principal objetivo é me formar e trabalhar na área indígena, principalmente perto do meu povo e da minha família. (Parte 9).

Ije inhõ me kôt kakõn kadjy dja ba ã amimari o ane. Ije idjumari djákam myjja mari ne amũ me õdjwy inhõbikwa mã akrekadjy, ne kam me kunimã mebê região do Médio xingu, mykam biri Gwaj abêkôt kakõn kadjy dja ã ane. (Parte 10).

Quero ajudar minha comunidade da mesma forma que eles sempre me ajudaram. Pretendo contribuir não apenas com meus parentes, mas também com toda a região do Médio Xingu, porque acredito que precisamos permanecer unidos. (Parte 10).

Inhõ kukràdjà kôt dja ã ane, pi'ok inomã kumẽ, ne inhõ me kôt kakõn á'py myjja djari kôt. Ije Engenharia Florestal ipêj jã kakwynhbê ne me banhõ kukràdjà nõ mebêngôkre, kam badjumari mej ja o tem banhõ kukràdjà kwy, bákam pidjy ne me banhõ bá. (Parte 11).

Uma das minhas principais metas, ao concluir o curso, é ajudar meu povo de diferentes maneiras. A Engenharia Florestal tem muita relação com os povos indígenas, pois carregamos conhecimentos tradicionais muito importantes sobre medicina natural, ervas e a natureza. (Parte 11).

Ije mari kam ne Gwaj banhõ kukràdjà jã kuni né inhõ pi'ok kam no, kam ije, me kuni kôt kakõn kadjy nàrá puru nhõ kukràdjà nàrá pyka inhõ (TI) ne apy myjja punu jabê ámi pyka ã banotyx. (Parte 12).

Acredito que os conhecimentos da nossa cultura se encaixam perfeitamente com o meu curso. Além disso, quero contribuir em atividades como manejo das roças, monitoramento da Terra Indígena (TI) e outras ações importantes para fortalecer e proteger nosso território. (Parte 12).

5 Narrativa de Aldemir Wai Wai do povo Wai Wai, estudante do curso de Engenharia Agronômica

Bá inidjibê ne Aldemir Wai Wai. Ibê pi'ôk jarẽmdwynh inhõ pi'ôk Engenharia Agronômica ne ibê mebêngôkre Wai Wai. Inhõ me badjá Jatapuzinho, localizada ne pykanidjibê mebêngôkre Trombetas-Mapuera, no município de Caroebe, estado de Roraima. (Parte 1).

Meu nome é Aldemir Wai Wai. Sou estudante do curso de Engenharia Agronômica e pertenço ao povo indígena Wai Wai. Venho da comunidade indígena Jatapuzinho, localizada na Terra Indígena Trombetas-Mapuera, no município de Caroebe, estado de Roraima. (Parte 1).

Ne kam kwykam inhõ mẽ mã ikabẽn kunikôt, nàrá kràkot me kabẽm djàkôt, redes sociais kôt ne ajté itykdjàkêt nhõ akati kamdwyr me bê acadêmicos nhõ. kam jã ne imã mejkumrẽ Gwaj banhõ kukràdjà kôt ne ajté kukràdjà õdjwy. Ne kam kwykam ibê amybymã inhõ krĩ mã itẽm kadjy, ijê marikam ba inhõ kukràdjà bê amybymã ari iba. Ne kam jã kam idjãm tyx Gwaj banhõ kukràdjà mebẽngôkre. (Parte 2).

Procuro manter contato com minha comunidade sempre que possível, por meio de ligações telefônicas, redes sociais e visitas durante as férias e recessos acadêmicos. Esse contato é muito importante para fortalecer minha identidade e meus laços culturais. Quando fico distante da comunidade por muito tempo, sinto como se estivesse me afastando da minha própria cultura. Por isso, faço questão de manter esse vínculo para preservar minhas raízes indígenas. (Parte 2).

Inhõ kukràdjà rax õdjwy ne ije krĩrax õ amiprá kêt, kwy kam me õdjà kêt, myjja kuni pãnh ne inhõ kukràdjà acadêmica djwy. Ne kam krĩrax box, ne te me omũ nhũ imã myjja á'temã biri ijê Gwaj banhõ krĩn õ amiprá kam, kwykam ibê kukràdjà tyx ne punure. (Parte 3).

Os maiores desafios que enfrentei foram relacionados à adaptação à vida na cidade, especialmente em relação à moradia, alimentação e à rotina acadêmica. Quando cheguei à cidade, encontrei uma realidade muito diferente daquela em que vivi na aldeia, e isso tornou o processo de adaptação bastante difícil. (Parte 3).

Gwaj banhõ krĩn kam,banhõ me tãri dja jã ne mrãmri mejkumrẽ. Krĩrax kam, myjja kwy ne á'temã Gwaj bajê myjja mũ kêt kam á'temã badjumari. (Parte 4).

Na comunidade, convivemos próximos da família e da coletividade. Já na cidade, o ambiente é diferente e exige mudanças na forma de viver e se relacionar. (Parte 4).

Ije amimari kôt inhõ mẽ bẽm kadjy mebẽngôkre Wai Wai Universidade krekam. Ne jã kam, ijê ikinkumrẽ jã kam idjã kôt acadêmico ne ije idjumari djá mej jabejê kadjy ne ije amũ iukri inhõ me kôt kakõn kadjy. (Parte 5).

Sinto uma grande responsabilidade por representar o povo Wai Wai dentro da universidade. Ao mesmo tempo, sinto orgulho de ocupar esse espaço acadêmico e buscar conhecimentos que possam contribuir futuramente com minha comunidade. (Parte 5).

Ne kam kwykam, árym myjja tyx ã ikatok mrãmri kubẽm kum me ba kin kêt, kwykam mẽ umar djá krire kam me te myjja jã õ pumũkêt Gwaj babê mebẽngôkre. Myjja jã ne me bê pi'ôk no'ôk djwy kumej kam amirĩ mebẽngôkre ne kam kwykam jã ne Gwaj bamã mej universidade krekadjwynhbê. (Parte 6).

Em alguns momentos, enfrentei dificuldades e situações de preconceito, principalmente pela falta de conhecimento que muitas pessoas têm sobre os povos indígenas. Essas situações também acontecem com outros estudantes indígenas e demonstram a importância de existir mais apoio e conscientização dentro das universidades. (Parte 6).

Ne apy me kwy ikôt o kakõn ne me bê pi'ôk jakredjwynh á'djwy pi'ôk ã ikakõm ijê o krã'y-ry kêt kadjy ne kam myjja tyx jã bê. (Parte 7).

O apoio recebido de colegas e professores foi fundamental para minha permanência no curso e para enfrentar essas dificuldades. (Parte 7).

Ije inhõ pi'ôk õ inorerekam Agronomia, ijê akubyr inhõ mẽ á'ryr itẽm ne ije me kôt kakõn kadjy, ijê me mã myjja ã idjujarẽm kadjy nàrá puru nhõ kukràdjà apy myjja õdjwy. (Parte 8).

Após concluir minha formação em Agronomia, pretendo retornar à minha comunidade para aplicar os conhecimentos adquiridos durante o curso, especialmente no fortalecimento da

produção agrícola de forma sustentável. (Parte 8).

Ne kam apy myjja õdjwy ã idjujarēm me õkwykrēm mej inhõ mē kam, ne ajté pi'ôk á'ryr mebēngôkre nyre kakõn ensino superior. Jã ne mrãmri mejkumrē Gwaj bamã, mykam biri apy pi'ôk djári ja djá Gwaj bakôt kakõn me banhõ mebēngôkre kadjy. (Parte 9).

Também desejo contribuir com o desenvolvimento sustentável e a segurança alimentar da comunidade, além de incentivar outros jovens indígenas a buscarem o ensino superior. Considero isso muito importante, porque diferentes áreas de formação podem trazer benefícios significativos para as comunidades indígenas. (Parte 9).

6 Narrativas de Bep Kretoj Xikrin, etnia Xikrin, estudante do curso de Pedagogia

Bá inidjibê ne Bep kretoj Xikrin. Ibê pi'ôk jarēmdwynh Pedagogia kam Universidade Federal do Pará (UFPA), campus de Altamira. Inhõ mē mebēngôkre Xikrin, (TI) Trincheira Bakajá, no município de Anapú, Pará, kameredjãm kurūn ne bá tēm. (Parte 1).

Meu nome é Bep Kretoj Xikrin. Sou estudante do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA), campus de Altamira. Pertenço ao povo Mebêngôkre Xikrin, da Terra Indígena Trincheira Bacajá, no município de Anapu, Pará, e vim da comunidade Kameredjãm. (Parte 1).

Ne krīrax kam ije pi'ôk jarēm rã'ã, inhõ mē mã ikabēn rã'ã nàrá kwykam ityk djákêt nhõ akati kam, kwykam akati punu kam, ne mekabēn djákam, ne kwykam ba mē kôt Gwaj banhõ kukràdjà kam tôk tãne jã. (Parte 2).

Mesmo estudando na cidade, mantenho contato com minha comunidade durante os recessos acadêmicos, nos finais de semana e feriados, por meio de telefone, redes sociais e também participando das festas culturais da comunidade. (Parte 2).

Ne inhõ kukràdjà kwy ibê tyx ije pi'ôk jarēm krire kam idjumari á'temã universidade kam. Ne kam ba bôx UFPA kam. Ne amino'ó kwanô'o. Ne universitário o amiprá, inhobikwa o, nárà me bê pi'ôk jakredjwynh ne instituição nhõ kukràdjà õdjwy. (Parte 3).

Os meus maiores desafios foram relacionados à falta de conhecimento sobre o funcionamento da universidade. Quando cheguei à UFPA, fiquei muito perdido. Precisei me adaptar ao ambiente universitário, aos colegas de sala, aos professores e ao próprio sistema da instituição. (Parte 3).

Ije kumôkrajkam, myjja kuni ibê tyx, biri mykam ije universidade nhõ kukràdjà mari kêt kam. Tem õ tēm, kam myjja mari otēm árym õmiprák. (Parte 4).

No início, tudo foi muito difícil, porque eu não conhecia como funcionava a universidade. Com o tempo, fui aprendendo e conseguindo me adaptar. (Parte 4).

Ne kwykam ibê myjja á'temã tyx inhõ krīn kurūn itēm ije krīrax pi'ôk jarēmã. Jã ne imã tyx jadjà ije inhõ kukràdjà mari rax kadjy, biri mykam kwykam ne mebê mebēngôkre ta pidjy õ krīn kurūn tem krīn rax aribamã. Djunū ne kūm umá, biri mykam krīn nhõ kukràdjà á'temã ne krīrax djwy á'temã nárà umar, kwykam kubēm kūm mē babê mebēngôkre kin kêt, kadjy ne Gwaj ba kaprīnre. (Parte 5).

Também foi muito difícil sair da minha comunidade para estudar na cidade. Isso representou um grande desafio e uma grande responsabilidade, porque nem sempre um indígena sai sozinho para viver em uma sociedade não indígena. Meus pais tinham medo, porque o mundo fora da aldeia pode ser perigoso, principalmente pelos preconceitos que nós, indígenas, sofremos. (Parte 5).

Bá ije me'urán idjumari djá mej jabejêj, ne inhõ kukràdjà õdjwy jabejêj kadjy. Jãn kam ne ba ikinkumrē ije inhõ mē o mebēngôkre Xikrin ne ja ne imã mejkumrē ibêngôkrekôt ne universidade pública kam. (Parte 6).

Eu me sinto como qualquer outra pessoa que busca sonhos, objetivos e conhecimento. Tenho orgulho de representar o meu povo Mebêngôkre Xikrin e considero muito importante ocupar esse espaço como acadêmico indígena em uma universidade pública. (Parte 6).

Ne kwykam, mẽ mebẽngôkre krãtĩn ne amrẽ krĩrax mã tẽm myjja kukràdjà punure kutã átyx, nàrá kubẽn kũm mẽ kinkêt õ kukràdjà punure jã. Ba ne árym myjja kukràdjà punure jã ikatok Gwaj babê mebẽngôkre kôt jã ne punure kumrẽ.Amrẽ bêj ijê myjja jã nhõ kukràdjà mari kêt tê kumẽ, nàrá mẽ kabẽm õdwynh kôt, ne ajté, kwykam, ne kôt árym myjja jã mari otẽm mrãmri á'temã kute me bakrã kam õbikrĩprã, ne Gwaj barerek djá ne ja árym Gwaj baje mari babê mebẽngôkre universidade kam. (Parte 7).

No entanto, muitos indígenas que vêm para a cidade enfrentam dificuldades, preconceito, discriminação e racismo. Eu mesmo já sofri preconceito por ser indígena. Antes, eu nem sabia o significado dessa palavra, mas, com o tempo, fui entendendo como o preconceito afeta nosso psicológico, enfraquece nossa força e desmotiva os estudantes indígenas dentro da universidade. (Parte 7).

Ije kwykam, babê mebẽngôkre pi'ôk jarẽm djwynh árym bakwy árym pi'ôk ã badjukangá myjja kukràdjà punure majje. Ne kam jã árym Gwaj babê pi'ôk jarẽm djwynh bê á'tát. (Parte 8).

Muitas vezes, estudantes indígenas acabam desistindo da faculdade por causa do preconceito. Isso enfraquece nossa permanência e dificulta nossa trajetória acadêmica. (Parte 8).

Ne kam ije ijukri pi'ôk ô' inomã kumẽ kam, ije akubyr inhõ krĩn mã itẽmã ne inhõ krĩn kam idjápêjmã, inhõ mẽ tãri idjã kadjy. Ne ije inhõ mẽ mebẽngôkre kôt kakõn kadjy ne idjumari djá me mã arẽm gê me kuma nàrá educação kam nàrá saúde kam. (Parte 9).

Quando eu concluir minha formação, pretendo voltar para minha comunidade e trabalhar no meu território, perto da minha família. Quero ajudar minha comunidade indígena e contribuir com meus conhecimentos principalmente nas áreas da educação e da saúde. (Parte 9).

Ne ije mebẽngôkre menoro nyre kôt djwynh kakõn kadjy gê me á'dwy kute ensino superior jabejêj kadjy ne gê á'djwy pi'ôk jarẽm má ã katok. Biri gê á'djwy amikadjy ápejmar nàrá õ mẽ kadjy, nàrá õ kukràdjà mari tyx kadjy ã õ mẽ mari ô'ane. (Parte 10).

Também desejo incentivar os jovens indígenas a buscarem o ensino superior e outras formações, para que possam se qualificar e trabalhar em seus próprios territórios, fortalecendo suas comunidades e seus povos. (Parte 10).

7 Narrativas de Janilson Sateré-Mawé, etnia: Sateré-Mawé, estudante do curso de medicina

Bá inidjibê ne Janilson Sateré-Mawé, ibê ngôkré inhõ mẽ Sateré-Mawé, Amazonas kurũn ne bá tẽm , inhõ krĩn Aninga ne medicina ipêj ódja (UFPA). (Parte 1).

Meu nome é Janilson Sateré-Mawé, sou indígena do povo Sateré-Mawé, venho do Amazonas da comunidade Aninga e faço curso de Medicina na UFPA. (Parte 1).

Ne kam inhõ kukràdjà kurũn ikatok né universidade mã wadjá, myjja kwyr apyr ibê á'temã, ne kam ijê o amiprák kadjy myjja á'temã ne inhõ kute inhõ urukwã pyrák kêt, té amybymã pi'ôk jarẽm né inhõ mẽ ma, ne inhõ mẽ mã ikabẽn rã'ã jã ne inhõ kukràdjà ijare, mykam biri ja ne kubê inhõ kukràdjà. Ne kam, kwyr kam Gwaj banhõ krĩn kurũn tẽm bajê pi'ôk jarẽm mã, Gwaj babê mebẽngôkre kôt, mrãmri myjja rax tyxti utĩn kumẽ Gwaj bajê banhõ kukràdjà o anoro kêt kadjy nàrá banhõ pry nipôkri. (Parte 2).

Quando saí da minha realidade para entrar na universidade, foi uma mudança muito

grande para mim, principalmente porque precisei me adaptar a um ambiente totalmente diferente daquele com o qual eu estava acostumado. Mesmo estudando longe, eu tento manter contato com a minha comunidade e com minhas raízes, porque isso faz parte de quem eu sou. Acho que, quando a gente sai da nossa realidade para estudar, principalmente sendo indígena, existe um desafio muito grande de não perder a nossa identidade no meio do caminho. (Parte 2).

Myjja tyx rax õdjwy, universidade mã idjárá kadjy, ne ije o ami prák kêt, pi'ôk jarēm ã bi kêt, myjja kwyr. Kwy kam, ije mari kam me kunimã bēm prãmã Gwaj ba djwynh wa kam badjã kadjy. Ne kam, amybymã Gwaj banhõ mẽ dja, ba nhõ kukràdjà né Gwaj bá. (Parte 3).

Um dos maiores desafios, quando entrei na universidade, foi a adaptação, não apenas em relação aos estudos, mas também emocionalmente. Às vezes, a gente sente que precisa provar o tempo todo que merece estar ali. Além disso, existe a distância da família, da cultura e da forma como fomos criados. (Parte 3).

Ibê pi'ôk jarēmdwynh Universidade pública kam, ije mari kam jã kam djwyr ne bá dja, ne myjja tyx kwy ã ikatok. Ije, ne kam ami kadjy pi'ôk má , ba ijê myjja amī kam rax má ije me mã pryk jakremã ne mebê mebēngôkre mã arēm kadjy gê me universidade kam pi'ôk jarēm, ciências ma medicina djwyr ma. (Parte 4).

Como estudante de uma universidade pública, sinto que minha presença também representa muitas outras pessoas que sonham em chegar aqui, mas ainda encontram muitas dificuldades. Então, além de estudar por mim, eu sinto uma responsabilidade muito grande de abrir caminho e mostrar que os povos indígenas também pertencem à universidade, à ciência e à medicina. (Parte 4).

Nhymyj, ne kam árym kubēm kabēm punu ã árym ikatok á'temã Gwaj babê mebēngôkre mã. Ne kwyr kam, me á'temã Gwaj bamũ-o á'temã kumej né Gwaj bá marijakêt. Kam ja kôt bá ami mari tyx ne arek otẽ ije me mã bēm kadjy mrãmri. (Parte 5).

Sim. Já enfrentei situações de preconceito e comentários baseados em estereótipos sobre os povos indígenas. Muitas vezes, as pessoas ainda têm uma visão muito limitada sobre quem somos, mas isso também me deu ainda mais força para mostrar nossa realidade de verdade. (Parte 5).

Ije pi'ôk jarēm inomã mēnkam, ba ije idjumari djá amũ ije inhõ me kôt kakõn kadjy ne me kunimã kôt kakõn nàrá me té ami kanedjákam, mykam ba ja jarẽ me kanê kwyr punure á'temã me o kwajkēm, jã ne me amybymã ari ba ja má úmar. (Parte 6).

Depois da formação, quero usar meu conhecimento para contribuir com a minha comunidade e também ajudar outras pessoas que têm menos acesso à saúde, porque eu sei como a falta de assistência impacta diretamente a vida das pessoas, principalmente nas regiões mais afastadas. (Parte 6).

Ne ije inhõ me kôt kakõn kadjy mebēngôkre kuni jã djá inhõ profissão te mari. Ne me nyre já mã pi'ôk o amī gê me á'dwynh kute myjja mari otēm kadjy, ne ami nhõ kukràdjà o binoro kêt kadjy. (Parte 7).

Acredito que contribuir com a minha comunidade vai muito além da profissão. Também representa incentivar outros jovens a acreditarem que podem chegar onde quiserem, sem deixar de ser quem são. (Parte 7).

8 Discussões analíticas

O objetivo desta pesquisa foi analisar as experiências de estudantes indígenas no Ensino Superior da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Altamira, por meio de narrativas (auto)biográficas traduzidas para a língua Mebêngôkre Xikrin e para o português do Brasil,

buscando compreender os desafios de acesso, permanência, preconceito, identidade cultural e valorização dos saberes indígenas no contexto universitário contemporâneo.

A tradução das narrativas acadêmicas para a língua Mebêngôkre Xikrin representa muito mais do que uma simples passagem de palavras entre idiomas. Trata-se de um ato político, cultural e pedagógico de fortalecimento das identidades indígenas dentro da universidade. Ao traduzirmos as experiências dos estudantes indígenas da Universidade Federal do Pará – Campus de Altamira para a língua do povo Xikrin, reafirmamos que os povos indígenas possuem seus próprios modos de produzir conhecimentos, interpretar o mundo e transmitir saberes às novas gerações. O processo de tradução realizado por Bep Kretoj Xikrin evidencia a importância da presença indígena no Ensino Superior não apenas como estudantes, mas como pesquisadores, tradutores, intelectuais e protagonistas de suas próprias histórias. A escrita bilíngue fortalece a memória coletiva do povo Xikrin, valoriza a oralidade ancestral e contribui para a preservação da língua Mebêngôkre diante das pressões históricas de apagamento cultural e linguístico impostas pela colonização.

Os dados coletados a partir das narrativas (auto)biográficas indicam que esse método pode criar um processo reflexivo pelo qual os estudantes indígenas organizam e narram suas vivências na universidade, traduzindo suas histórias, experiências, dificuldades e processos de superação. Além disso, cria possibilidades de ressignificação dos entraves impostos pela própria universidade eurocêntrica, que estabelece limites culturais por meio do currículo e das relações do seu cotidiano.

As trajetórias acadêmicas e os desafios de permanência relatados por Simeone Xipaia, Aldemir Wai Wai, Bep Kretoj Xikrin e Janilson Sateré-Mawé são analisados pela categoria analítica de "colonialidade do poder, do ser e do saber" (Quijano, 2005). De acordo com o autor, o fim dos arranjos político-administrativos do colonialismo tradicional não extinguiu a sua matriz de dominação. A colonialidade permaneceu viva como um padrão global de poder moderno e capitalista, sustentada em dois pilares indissociáveis: a codificação social da ideia de "raça" como critério de classificação e subalternização humana e a imposição do eurocentrismo como a única racionalidade válida e produtora de conhecimento. Ao adentrarem o Campus Universitário de Altamira – UFPA, os preconceitos e as agressões verbais mapeados pela pesquisa, a partir das narrativas (auto)biográficas dos estudantes, expõem a persistência dessa estratificação racial descrita por Quijano. A universidade, concebida historicamente sob as bases da modernidade ocidental, opera como um aparelho reprodutor da colonialidade do saber. Como as narrativas dos estudantes denunciam, há uma invisibilidade quase absoluta dos saberes tradicionais nos currículos pedagógicos. Esse cenário demonstra o esforço contínuo do padrão hegemônico em reprimir e anular as formas de produção de conhecimento e o universo simbólico das diversas populações que buscam o direito à Educação Superior.

Sob o escopo conceitual de Aníbal Quijano (2005), o sofrimento psíquico, o sentimento de desajuste e o constante imperativo que os estudantes sentem de precisar "provar o tempo todo que merecem estar ali" decorrem do choque contra esse poder que controla as subjetividades e a autoridade intelectual. Nesse sentido, as respostas que os acadêmicos indígenas articulam em suas trajetórias configuram-se como autênticas fissuras decoloniais na matriz do poder colonial.

A heterogeneidade histórico-estrutural dos projetos de futuro — conforme apontado por Aníbal Quijano sobre uma América Latina marcada pela coexistência de diferentes cosmologias e temporalidades — foi observada nas narrativas de Janilson Sateré-Mawé e Aldemir Wai Wai ao articularem a Medicina e a Agronomia ocidentais com o fortalecimento de seus territórios rurais e sistemas tradicionais de roça. O Ensino Superior intercultural e intercientífico deixa de cumprir sua função colonial de assimilação e embranquecimento para se transformar em um

instrumento técnico de resistência, voltado à manutenção de caminhos ancestrais que a modernidade tentou bloquear. Isso se torna possível pela escuta desses sujeitos culturais que estão no cotidiano das universidades brasileiras.

Portanto, a agência indígena operada nesta pesquisa rompe com a perspectiva de uma história e de um modelo civilizatório únicos e globalizados. Ao afirmarem suas identidades étnicas no cotidiano acadêmico, os estudantes desestabilizam o eurocentrismo institucional, indicando que descolonizar a universidade e as estruturas mentais é um imperativo indispensável para transformar a produção acadêmica em um território genuinamente plural e heterogêneo.

Podemos dizer, ainda, que esse tipo de pesquisa não subordina os saberes culturais dos povos indígenas a um outro saber científico, porque ele, por si só, já é científico, pois se insere no interior de um método analítico relacional profundamente solidário. Portanto, pode significar um caminho de pesquisa decolonial e antirracista que se constrói no diálogo e nas relações cotidianas da universidade que pretende ser plural e democrática. Por conta dessas pequenas práticas cotidianas nas universidades, enquanto centros de saber, acreditamos que estamos criando caminhos político-pedagógicos e epistêmicos decoloniais e antirracistas.

Ancoramo-nos na Pedagogia Decolonial, conforme Walsh (2013), para quem as lutas, rebeldias, insurgências, organizações e ações que os povos originários empregam servem para resistir, transgredir e subverter as dominações, a fim de seguirem sendo, sentindo, fazendo, pensando e vivendo decolonialmente, apesar do poder colonial (eurocêntrico) que se manifesta pelas forças excludentes do racismo estrutural e cotidiano e pelas próprias organizações institucionais da universidade.

As línguas indígenas estão ameaçadas porque, nas sociedades e nas universidades, não se ensinam nem se leem textos nas línguas Xikrin, embora os jovens Xikrin estejam ali presentes. Então, fazer a tradução é produzir epistemologias de uma memória coletiva de jovens indígenas (povos originários) desde o Ensino Superior, tal como um movimento de criação e intervenção para seguir um caminho de existência e (re)existência.

As narrativas expressas por Simeone Xipaia, Aldemir Wai Wai, Bep Kretoj Xikrin e Janilson Sateré-Mawé descortinam as profundas contradições vividas no Ensino Superior, onde a busca pela formação acadêmica confronta-se diretamente com o racismo institucional e o currículo eurocêntrico. Para compreender esses dilemas de permanência, é imperativo recorrer ao pensamento de Gersem Baniwa, que reposiciona a função do espaço escolar e universitário para as populações originárias. Segundo Baniwa (2019, p. 25), a interculturalidade nas instituições de ensino não pode ser reduzida a uma mera tolerância burocrática ou folclórica, mas sim constituir-se como "a convivência e aplicação articulada e mutuamente complementar dos conhecimentos indígenas e dos conhecimentos científicos escolares".

Ao analisarmos os dados empíricos trazidos por esta pesquisa, evidencia-se que a universidade real se distancia desse ideal, impondo o que o autor chama de epistemologia colonial. Esta se configura como uma estrutura acadêmica que asfixia as cosmovisões nativas e impõe ao estudante um esforço hercúleo de "dupla consciência" para sobreviver na cidade e no campus sem renunciar às suas raízes. Quando a instituição invisibiliza esses saberes, o ato de Bep Kretoj Xikrin ao entrevistar seus parentes em português e, posteriormente, transcrever e traduzir sistematicamente esses dados para a língua Mebêngôkre Xikrin ultrapassa a mera metodologia de pesquisa, constituindo-se como uma política linguística prática e insurgente.

A dimensão desse gesto ganha profundidade quando articulada ao conceito de "ecos de resistência", proposto por Maher (2013). A autora discute como o Brasil historicamente construiu e alimentou o "mito do monolinguismo", uma ideologia colonial que atua apagando as diversidades linguísticas e relegando as línguas indígenas a uma condição de subalternidade

jurídica e social. Segundo Maher (2013), as línguas minoritárias brasileiras só conseguem ocupar e demarcar espaços na paisagem nacional por meio de processos contínuos de agência e resistência política de seus próprios falantes. É nesse cenário de apagamento que a produção de um manuscrito bilíngue opera como uma contraofensiva decolonial em duas frentes complementares. Primeiro, ao priorizar a organização textual na língua Mebêngôkre Xikrin, os autores desestabilizam a supremacia do vernáculo colonizador no ambiente acadêmico, forçando a instituição a reconhecer a legitimidade científica de uma língua falada por um de seus estudantes. Segundo, realiza-se a intercientificidade como ferramenta de luta: quando Simeone Xipaia cruza os saberes da Engenharia Florestal com a medicina natural de suas roças, os sujeitos operam a complementaridade sugerida por Baniwa. O conhecimento ocidental não é absorvido de forma passiva, mas ressignificado como ferramenta de manejo, proteção e autodefesa de seus territórios ancestrais.

A tradução e a escrita na língua materna ancestral, operadas pelos próprios estudantes-pesquisadores, transformam o espaço da universidade eurocêntrica. Elas fundem a práxis intercultural de Baniwa com os ecossistemas de resistência preconizados por Maher (2013), convertendo a produção do conhecimento em um legítimo território de retomada linguística, afirmação étnica e soberania intelectual no Ensino Superior.

Este trabalho demonstra que pesquisar, escrever e traduzir em línguas indígenas constitui um movimento de resistência e de continuidade cultural. A presença dos estudantes indígenas na universidade não significa abandonar suas raízes, mas ampliar as possibilidades de defesa de seus povos, territórios, línguas e modos de vida. Assim, a tradução em Mebêngôkre Xikrin torna-se um caminho de valorização das ancestralidades, de fortalecimento das identidades indígenas e de construção de uma universidade comprometida com a diversidade dos povos originários do Brasil.

9 Considerações finais

A presente investigação buscou analisar as experiências de acesso, permanência, identidade cultural e enfrentamento ao preconceito de estudantes indígenas na UFPA – Campus de Altamira. O estudo consagrou-se não apenas pelos registros de dados, mas pelo ato eminentemente político de tradução dessas trajetórias para a língua Mebêngôkre Xikrin. A partir das narrativas de Simeone Xipaia, Aldemir Wai Wai, Bep Kretoj Xikrin e Janilson Sateré-Mawé, podemos inferir três ideias conclusivas:

(1) O protagonismo metodológico como ruptura decolonial: a atuação de Bep Kretoj Xikrin como estudante-pesquisador e tradutor materializa o que Baniwa defende como a superação do indígena na condição de mero objeto exótico de estudo, passando a assumir a autoria e a condução da pesquisa. Os estudantes indígenas rompem com o olhar do "branco", do "imperial" ou do brasileiro não indígena e estabelecem uma ciência própria, solidária e relacional.

(2) O enfrentamento às estruturas excludentes: as experiências revelam que o espaço universitário ainda reproduz uma estrutura eurocêntrica e excludente, com currículos que invisibilizam os saberes tradicionais. O enfrentamento ao preconceito e às discriminações raciais exige dos acadêmicos o exercício de uma dupla consciência. Para habitar a universidade sem permitir o apagamento de suas raízes, os estudantes transformam adornos, pinturas e a própria língua bilíngue em dispositivos de resistência e demarcação territorial simbólica no ambiente urbano, fato que significa processos de interculturalidade crítica em face do racismo institucional.

(3) A formação acadêmica como fortalecimento coletivo: a formação desses jovens não se traduz em aculturação ou abandono de suas origens, mas sim em uma estratégia coletiva de fortalecimento de seus povos. Os projetos de futuro dos narradores convergem de forma contundente para o retorno e a aplicação dos conhecimentos técnicos (na Pedagogia, Medicina, Engenharia Florestal e Agronomia) em prol da defesa de suas terras, da soberania alimentar, da saúde e da educação indígena em suas respectivas regiões.

Este trabalho demonstra que pesquisar, escrever e traduzir em língua indígena constitui um movimento insurgente de continuidade cultural. A tradução em Mebêngôkre Xikrin não representa somente um exercício linguístico, mas um manifesto político que reposiciona a universidade pública como um espaço verdadeiramente plural e democrático. Conclui-se que o Ensino Superior ganha sentido pleno quando se coloca a serviço da autonomia e da dignidade dos povos originários do Brasil.

Referências

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **Educação Escolar Indígena**: saberes, identidades e interculturalidade. Rio de Janeiro: FLACSO, 2019.

COHN, Clarice. Crescendo como um Xikrin. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2000, v. 43, nº 2.

MAHER, Terezinha Machado. Ecos de resistência: Políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Kleber Aparecido da; ROCHA, Claudia Hilsdorf; TILIO, Rogério (Orgs.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 117-134.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Tradução de Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, São Paulo, v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20180034. Disponível em: https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/4750/47966110. Acesso em maio de 2026.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.